

A Temporalidade na Experiência Maníaca: Uma Revisão Selectiva^{a)}

Temporality in the Manic Experience: A Selective Review

Bruno Trancas* ✉, Nuno Borja Santos*

RESUMO:

A vivência do tempo tem sido objecto de estudo, desde os filósofos da antiguidade aos investigadores da neurociência contemporânea. Algumas experiências podem perturbar a relação que o ser humano tem com o tempo, sejam estas mundanas e gerais – como uma criança a brincar com o seu brinquedo (Thomas Fuchs) – ou do domínio da experiência patológica, como experiências de estados depressivos, maníacos ou o modo-de-estar-no-mundo esquizofrénico. Após tecer algumas considerações sobre temporalidade, o presente artigo debruça-se sobre a perturbação da temporalidade na experiência maníaca. Em primeiro lugar versa sobre a perturbação do tempo do mundo (cronométrico, explícito) e seguidamente do tempo vivido (implícito), recorrendo a aportes de diversos autores, incluindo Eugène Minkowski, Leston Havens, Ludwig Binswanger, Medard Boss e Thomas Fuchs.

Palavras-Chave: Mania; Perturbação Bipolar; Tempo Vivido; Temporalidade; Fenomenologia.

ABSTRACT:

The human experience of time has been the object of study since antiquity, ranging from philosophers to contemporary neuroscience researchers.

Some experiences may disturb the relation than Man has with Time, be they general and mundane situations – like a child playing with his toy (Thomas Fuchs) – to diseases, such as depressive or manic experiences or the schizophrenic way-of-being-in-the-world. We outline some concepts regarding temporality and shortly after we head on to the disturbance of temporality in the manic experience, both in the world-time (chronometric, explicit) and lived time (implicit) dimensions, with contributions from several authors, such as Eugène Minkowski, Leston Havens, Ludwig Binswanger, Medard Boss and Thomas Fuchs.

Key-Words: Mania; Bipolar Disorder; Lived Time; Temporality; Phenomenology.

*“Ha, ha! keep time: how sour sweet music is,
When time is broke and no proportion kept!
So is it in the music of men’s lives.
And here have I the daintiness of ear
To check time broke in a disorder’d string;
But for the concord of my state and time*

* Serviço de Psiquiatria, Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE. ✉ brunotrancas@gmail.com

a) Baseado numa monografia realizada no âmbito do Curso de Formação em Psicoterapia Existencial da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial, por Bruno Trancas

Recebido / Received: 07/02/2012 • Aceite / Accepted: 06/04/2012

Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE

*Had not an ear to hear my true time broke.
I wasted time, and now doth time waste me;
For now bath time made me his numbering clock:
My thoughts are minutes; and with sighs they jar
Their watches on unto mine eyes, the outward watch,
Whereto my finger, like a dial's point,
Is pointing still, in cleansing them from tears."*

In Ricardo II
W. Shakespeare¹

INTRODUÇÃO

Neste excerto da obra “Ricardo II”, de Shakespeare, a personagem deste rei antecipa, em sofrimento, o seu próprio fim. E no julgar do seu infortúnio, a personagem encontra-se já *perdido* no tempo e *perdido* pelo tempo, resultado da desarmonia temporal em que se viu reinando, tornando-se por fim num *escravo* do tempo cronológico, aguardando penosamente o seu fim. Nestas linhas o poeta traz o tempo para a arena do sofrimento ou, antes, *traz o tempo para arena da vida humana*, com uma acutilância invulgar. De facto, a importância da temporalidade como dimensão fundamental da existência do homem no mundo tem sido sublinhada por filósofos e pensadores desde que o Homem se propôs reflectir acerca de si mesmo. O tempo como dimensão categorizável, objectivada, passível de percepção e medição, tem sido o foco de diversos investigadores. Nesta linha, o tempo como algo que se sente e se percebe remete para a questão do *órgão* do tempo, esse sentido aparentemente órfão de especialização tecidual. Marc Wittmann faz uma revisão dos principais modelos neurobiológicos para a experiência do tempo, sublinhando, no processo, a escassez de inves-

tigação neste domínio e a impossibilidade de chegar conclusões sólidas². Contudo, este autor, realçando a relação intrínseca entre a percepção do *self* e o tempo, sugere que eventualmente a região insular do lobo temporal (área sensorial primária para sinais viscerais) poderá participar na experiência da passagem do tempo. Sendo uma condição essencial à própria definição do *Ser*, não será estranho conceber que esta dimensão possa estar perturbada nos principais quadros psicopatológicos. A este propósito merece relevo a extensa revisão que Martin Wyllie efectuou sobre o *tempo vivido* e a psicopatologia, numa perspectiva fenomenológica³. Debruça-se, particularmente, sobre o tempo vivido nas formas de ser depressivas (nas suas diversas categorizações nosológicas). João Marques-Teixeira, num editorial recente, aborda também a vivência do tempo no deprimido, tendo em conta o pensamento de Eugène Minkowski⁴. Mas a exploração das diversas dimensões do tempo nos quadros psicopatológicos, seja por métodos empíricos ou fenomenológicos, não é um fim em si mesmo: reveste-se de utilidades diversas. Nassir Ghaemi recorda que a exploração fenomenológica da temporalidade nas perturbações do humor tem contribuído para uma melhor compreensão dos quadros psicopatológicos⁵. Mais ainda, Ghaemi sublinha a utilidade clínica desta informação, não só no que concerne à interface entre os ritmos circadianos e os episódios de doença e sua terapêutica, como também quanto à possibilidade de intervir – em psicoterapia – na forma como a temporalidade se manifesta nestas perturbações.

A mania, como quadro sindromático, é uma manifestação extrema das perturbações do

humor, cursando tipicamente com expansividade associada a uma plêiade de sinais de incremento de actividade e excitabilidade das funções psíquicas. No contacto com os doentes afectos de mania somos frequentemente confrontados com pistas de uma vivência e experiência distintas do tempo. Quando instados a aguardarem uns minutos iram-se facilmente, invocando terem esperado uma eternidade. Pouco tempo depois de os entrevistarmos somos surpreendidos com um “Finalmente!” como aguardassem por uma audiência há longas horas. Mobilizam-se para tarefas hercúleas que pretendem completar em pouco tempo: pretendem escrever livros inteiros numa noite, revolucionar o pensamento filosófico em poucas horas, escrever um *software* inovador ainda antes do jantar.

O objectivo da presente revisão selectiva é atentar sobre as alterações no *tempo do mundo* e no *tempo vivido* que se operam nos quadros de perturbação do humor que cursam com mania, pretendendo-se por esta via contribuir para a compreensão dos mesmos.

MÉTODOS

Os autores efectuam uma revisão selectiva sobre a temporalidade em doentes afectos de mania. No que concerne a investigações sobre a dimensão cronométrica (tempo do mundo), os autores efectuaram uma pesquisa na Pubmed com as seguintes palavras chave: “time” E (“sense” OU “perception” OU “experience”) E (“mania” OU “affective”), sendo escolhidos artigos que relevassem para o objecto do estudo. Quando à dimensão do tempo implícito / vivido, os autores pesquisaram um número

restrito de obras consideradas relevantes nessa temática. Em ambos os casos foram procuradas referências bibliográficas adicionais que surtissem citadas em artigos ou trabalhos obtidos.

A QUESTÃO DO TEMPO: TEMPORALIDADE E AS SUAS DIMENSÕES

Martin Heidegger (1889-1976) ajuda-nos a esclarecer a pertinência do tema e o estado do nosso conhecimento sobre ele: “Continuamos perguntando: o que é o tempo? Pergunta-se isso há 2500 anos e ainda não há resposta suficiente⁶”. A questão da natureza do tempo, uma das dimensões fundamentais da existência que permeia todas as coisas e todos os significados, tem sido amplamente interrogada desde a antiguidade.

Nos *Seminários de Zollikon*, Martin Heidegger dedica várias conferências ao tempo⁶. Partindo sobre a forma como interrogamos o tempo, o filósofo depara-se com a natureza pré-dada do tempo: “Quando pergunto pela hora, pergunto *que* horas são? Pergunto, pois, por um quanto, ou seja, por algo medido. Em toda a medida de tempo, o tempo já deve ser pré-dado⁶”. Nas palavras deste investigador, a estrutura tripartida de cada instante temporal torna-se igualmente clara: “Cada *agora* que dizemos é simultaneamente, também, um *acaba de* e um *logo a seguir*, isto é, o tempo a que nos dirigimos com o nome de *agora* tem em si um lapso. Todo *agora* tem si, também, um *acaba de* e um *logo a seguir*⁶. Contudo, quando começamos a medir o tempo estes elementos são ignorados, embora permeiem qualquer forma de medição. Nos *Seminários*,

Heidegger descreve diversas características do tempo⁶. A primeira é a sua *interpretabilidade*: tem-se sempre tempo *para algo*, sendo que esta pertence ao tempo em si mesmo e não a um qualquer acto intencional do sujeito. Uma outra é a sua *databilidade*, que é mais “original” e precede a datação fornecida por um qualquer calendário. O tempo possui ainda um certo grau de *amplitude temporal* (não é um ponto) e um *estado público*, no sentido em que todos – sem ser necessária qualquer mediação – percebemos que um dado *agora* é “percebido directamente em comum por cada um dos presentes”.

Mas falar de temporalidade não é falar de relógios. Estes são meros objectos com os quais nos podemos relacionar. A esse propósito, Heidegger - nos *Seminários* - explora o caso de um doente esquizofrénico que havia sido apresentado por Franz Fischer⁶. O caso tinha sido exposto por, segundo o médico, não apresentar nada de especial “para além das perturbações do tempo e pensamento”. O doente teria dito, ao observar os ponteiros de um relógio de parede: “Para que me serve o relógio? Tenho que ficar olhando-o. (...) Se não houvesse relógio na parede teria de perecer. Não sou eu mesmo um relógio?”. Heidegger reclama que se trata apenas da relação de um homem com um relógio de parede, que no caso exposto não se trata “do tempo nem da estrutura do tempo”, mas somente da relação com um relógio, um medidor de tempo. A propósito deste exemplo, e de forma incidental, Heidegger chama a atenção para a importância do método fenomenológico: “os fatos em questão já são mal interpretados de antemão (...) numa interpretação, não se trata em primeiro lugar de como

algo deve ser explicado, mas sim de ver os fatos fenomenológicos”⁶. Medard Boss, na mesma linha do exemplo citado por Heidegger, adianta que todos os relógios e artefactos de medição ou datação do tempo servem apenas o propósito de medir e calcular o tempo, não se debruçando sobre a sua natureza⁷.

No seu tratado de psicopatologia geral Karl Jaspers (1883 – 1969) estabelece primeiro a distinção entre o *conhecimento* do tempo e a *experiência* do tempo. Enquanto que o primeiro se relaciona com o tempo objectivo (i.e. o tempo do mundo) e a nossa capacidade de o avaliar, o segundo se refere a uma *consciência total do tempo*, na qual a avaliação da duração de um dado intervalo é apenas uma parte. Sublinha ainda que o tempo tem sempre um papel fundamental nos processos fisiológicos, nos processos de regulação circadiana e, também, nos processos psicológicos. A experiência do tempo constitui uma *experiência básica de continuidade*, sendo que contém em si também um elemento de direcção (futuro ou passado)⁸.

Robert Sokolowski, em *Introduction to Phenomenology*, discorre sobre a estrutura da temporalidade⁹. Podemos distinguir três níveis nessa arquitectura. O primeiro – *o tempo do mundo* – (ou *tempo transcendente ou objectivo*) refere-se ao tempo dos eventos do mundo, é público e verificável (utilizando um relógio, por exemplo). O segundo nível – *o tempo interno* – (ou *tempo imanente ou subjectivo*) refere-se à duração e sequência dos actos mentais ou experiências, aos “eventos da vida consciente”. Uma actividade, experiências sensoriais, imaginação ou memória ou seja, em geral, qualquer acto in-

tencional, é percebido como ocorrendo antes, depois ou ao mesmo tempo que um outro. O indivíduo tem consciência da sequência destes eventos mas não os mede na sua duração como o faria para cronometrar uma corrida de cavalos. Este nível temporal é privado. O tempo do mundo está na dependência do tempo imanente, que é uma condição necessária para ordenar os actos intencionais: “a explicitação do tempo objectivo ocorre-nos apenas porque possuímos tempo subjectivo”⁹. Um terceiro nível – final e absoluto em si mesmo – e que é condição para a existência do tempo interno - refere-se à *consciência do tempo imanente*. Esta *consciência do tempo interno* constitui a temporalidade de tudo o que se apresenta à consciência e, consequentemente, é o centro de todas as formas de temporalidade (incluindo, por extensão, o tempo do mundo). O termo *presente vivido* tem sido utilizado para significar a “experiência imediata total da temporalidade” que temos em cada instante e que é composta por três componentes inseparáveis: a *impressão primordial*, a *retenção* e a *protensão*. A retenção “retém” o *presente vivido* que acabou de ser experienciado, i.e., a experiência da temporalidade do que acabou de ser vivido. A protensão é o reverso, orientada para o futuro, fornecendo a impressão que algo se aproxima do presente vivido. A protensão “abre a dimensão do futuro” e permite a antecipação. De referir que estes conceitos são mais elementares que a memória: eles precedem a memória e fornecem a abertura original da nossa experiência ao futuro e ao passado. Uma vez que cada instante é dotado destas três componentes, o tempo é vivido como um

fluxo contínuo e não como uma sequência de momentos isolados.

Adverte-se, contudo, que esta divisão (ou qualquer outra) dos aspectos temporais não é nem consensual nem livre de críticas. Medard Boss, a este propósito, lembra: “Falamos nestes dias (...) de «sensação de tempo» ou sensação do tempo, de «experiência do tempo», de «consciência do tempo» (...) bem como as distinções comuns que são feitas entre tempo subjectivo e objectivo, tempo do mundo e tempo do ego, tempo medido e tempo experienciado, tempo quantitativo e tempo qualitativo (...) tudo suportado em (...) pressuposições não explicadas nem provadas sobre a natureza do homem e da sua relação com o tempo”⁷.

Boss, no seu *opus Existential Foundations of Medicine and Psychology*, define a temporalidade da existência como uma das características fundamentais do ser humano⁷. A “temporalidade original” do homem é dada pela sua relação significativa com as coisas e, como tal, é dessa temporalidade que sucede o tempo do relógio, que só é existencialmente significativa se decorrer dessa temporalidade original¹⁰. Em cada momento o Homem congrega o passado, o presente e o futuro de uma maneira única: “produzimos e formamos a estrutura momentânea do tempo” e a existência de cada Ser no mundo “significa estendermo-nos simultaneamente para as três dimensões (...) do passado, presente e futuro”. Contudo, afirma Boss, “poderemos mesmo ficar presos numa das três [dimensões]”, estabelecendo-se a possibilidade da perturbação desta dimensão fundamental⁷. É precisamente sobre a perturbação fundamental na temporalidade na forma de existir maníaca que elaboraremos adiante.

NOTAS SOBRE A TEMPORALIDADE EM MANUAIS DE PSICOPATOLOGIA

Alguns manuais de psicopatologia abordam a questão da temporalidade na mania, ainda que não sejam inteiramente concordantes. Na *Psicopatologia Clínica* de Fish o doente maníaco é descrito como experienciando que o “tempo se acelera” e que “os dias não são suficientemente longos” para executar a miríade de projectos que se atribui¹¹. Na vigência da elação patológica do humor “o tempo voa”. Já na obra de Andrew Sims, às perturbações do tempo são dedicadas mais palavras¹². Sims diferencia entre o “tempo do relógio” – cronológico, físico ou histórico – e o “tempo pessoal” – que decorre da experiência do tempo na existência concreta do indivíduo, sublinhando que ambos podem ser perturbados. Mesmo em circunstâncias normais, um estado de maior felicidade faz com que o “tempo corra excessivamente rápido”. No caso da perturbação maníaca, o doente sente “que o tempo exterior” está a suceder de forma mais lenta, o que geralmente está associado a uma sensação de aumento da velocidade do pensamento e raciocínio. Nalguns casos de mania poderá ocorrer ainda a sensação de que o tempo se suspendeu, em particular nos estados de êxtase, no qual “a pessoa pode sentir que está a existir no passado, no presente e no futuro ao mesmo tempo”. No manual de psicopatologia de Scharfetter a euforia maníaca é apontada como um dos contextos onde decorre uma “vivência da aceleração do tempo”¹³. Na *Introdução à Psicopatologia Geral* de Carvalho Teixeira é feita uma divisão das alterações tal como estas perturbam o tempo vivido¹⁴. Nos es-

tados maníacos podemos encontrar *taquicronia* (vivência de aceleração do tempo vivido; “a extensão subjectiva que é experimentada é menor do que a objectiva”) e um predomínio do *tempo presente* (em “desfavor das dimensões do passado e do futuro”), respectivamente alterações da vivência da duração do tempo e das categorias do tempo vivido.

A EXPERIÊNCIA DO TEMPO DO MUNDO: DIMENSÃO CRONOMÉTRICA DA MANIA

Existe um reduzido número de investigações empíricas sobre a dimensão cronométrica (*tempo do mundo*) destas perturbações. Para além disso, tem existido alguma confusão de conceitos e termos que importa clarificar. Seguimos aqui a designação proposta por Bschor e colaboradores¹⁵. Uma das dimensões estudadas é a *experiência temporal subjectiva*, que avalia a percepção que o indivíduo tem sobre o fluir do tempo, sendo geralmente avaliada subjectivamente pelo próprio ou através do uso escalas. Já o *juízo temporal* refere-se à capacidade mensurável objectiva de avaliar a quantidade de tempo que decorreu num determinado intervalo, sendo avaliada por provas de *estimação* (é perguntado ao sujeito quanto tempo decorreu) ou de *produção* (é pedido ao sujeito que produza um intervalo de tempo com uma certa duração).

Um dos primeiros estudos foi o realizado por Mezey e Knight, envolvendo 14 doentes hipomaníacos¹⁶. Embora à luz dos critérios científicos modernos o trabalho padeça de algumas limitações (e.g. não fornece os critérios

de diagnóstico utilizados) os seus métodos e achados estabeleceram um importante ponto de partida. Nesta investigação os doentes hipomaníacos *experienciavam o tempo* como passando rápido ou muito rápido e sobreavaliavam o tempo decorrido, tanto em tarefas de *estimação* como nas de *produção* (quando comparados com re-teste após melhoria e com doentes com perturbação depressiva). Quando inquiridos para avaliar períodos mais longos de tempo (a duração da entrevista e todos os testes aplicados) os doentes hipomaníacos subestimaram a duração, mais ainda que doentes depressivos e os mesmos doentes em recuperação, um achado que não voltou a ser replicado até hoje. Os autores concluem que a sua hipótese – da existência de um assincronismo temporal entre o *tempo pessoal* e o *tempo do relógio* - ficava confirmada.

Tysk, num estudo controlado envolvendo 11 doentes com hipomania ou mania (DSM-III), confirmou a sobrestimação da passagem do tempo, embora esse efeito se dissipasse para intervalos mais longos¹⁷.

O estudo com maiores preocupações metodológicas e amostra de maior dimensão realizado até hoje foi executado por Bschor e colaboradores, envolvendo 93 indivíduos, incluindo 30 doentes maníacos (critérios DSM-IV com pontuação ≥ 15 na escala de mania de Bech Rafaelsen)¹⁵. Neste estudo a experiência da passagem do tempo foi avaliada por uma escala visual analógica e o julgamento temporal utilizando uma aplicação informática. Os doentes maníacos reportaram ter *experenciado* que o tempo estava acelerado (resultados significativos *versus* depressivos – que o experienciavam lentificado – e controlos). Quanto ao julgamento da

passagem de tempo, tanto nas provas de estimação como nas de produção os doentes maníacos sobrestimaram a duração. Curiosamente os doentes deprimidos também sobrestimaram o tempo, ainda que de forma menos intensa que os maníacos e só de forma estatisticamente significativa nas provas de produção (os doentes maníacos tinham resultados significativos nas duas provas).

Num estudo realizado em 2008, dirigido exclusivamente para provas de reprodução temporal (há lugar a uma *re-produção* de um período temporal previamente testemunhado), foram testados 90 indivíduos, incluindo 30 doentes maníacos (critérios DSM-IV com pontuação ≥ 15 na escala de mania de Bech Rafaelsen) para intervalos de 1, 6 e 37 segundos¹⁸. O racional para o foco nas provas de *re-produção* prende-se com o pressuposto que estas, ao contrário das provas de estimação e produção clássicas, se centram no componente mnésico da percepção temporal e serão menos afectadas por perturbações nos marcapassos temporais de acordo com a STT (*Scalar Timing Theory*)¹⁹. Os intervalos reproduzidos pelos doentes maníacos foram sempre inferiores aos doentes deprimidos (mas equivalentes ao grupo controlo nos intervalos de 1 e 6s), sendo que subestimaram a duração do intervalo longo (37s) mesmo *versus* controlo. De forma inversa, os doentes com depressão sobrestimaram o intervalo de 6s e estimaram correctamente o intervalo de 37s. Os autores concluem, após apontarem algumas limitações do estudo, que esta memória que os intervalos foram menores do que realmente foram (no caso dos maníacos) e seu inverso (no caso dos deprimidos) pode explicar as alterações na

percepção temporal que habitualmente são encontradas nas perturbações afectivas.

Mais recentemente, Zhao e colaboradores replicaram a subestimação da passagem do tempo em doentes maníacos, utilizando provas de re-produção²⁰. Nos 22 doentes com mania testados a subestimação estava inversamente correlacionada com a gravidade do quadro clínico (avaliado pela escala de mania de Bech Rafaelsen), o que não tinha sido encontrado nos estudos de Mahlberg (2008) ou de Bschor (2004).

INVESTIGAÇÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE A VIVÊNCIA DO TEMPO NA MANIA

Os conceitos de Henri Bergson sobre o tempo viriam a contribuir decisivamente para perspectivas de diversos fenomenologistas. Na sua obra *Time and Free Will: an Essay on the Immediate Data of Consciousness*, Bergson discorre sobre o conceito de *duração*²¹. Esta apresenta-se como o correr do tempo, uno e interpenetrado, indivisível, “uma multiplicidade qualitativa, sem parecença com um número (...) os momentos de duração interna não são externos uns aos outros”. Para este filósofo “[existe] fora de nós uma externalidade mútua sem sucessão; dentro de nós uma sucessão sem externalidade mútua”. É a consciência, portanto, que “introduz a sucessão [temporal] nas coisas externas”. Esta “ideia do tempo mensurável” surge através de um “compromisso entre as ideias de sucessão e de externalidade”. Para Bergson este *tempo espacializado*, “é espaço na medida em que é uma homogeneidade e duração na medida em que é uma sucessão”, merece justa crítica

por ser “uma ideia contraditória de sucessão na simultaneidade”. O conceito de *duração* de Bergson, uma dimensão qualitativa de uma experiência de continuidade temporal, assemelha-se ao conceito de *tempo vivido* proposto mais tarde por Minkowski.

EUGÈNE MINKOWSKI

Defendendo que a aplicação “dos dados gerais do tempo aos factos psicopatológicos não apenas os não degradam de forma alguma como, pelo contrário, os torna fecundos, os anima de uma vida nova”, Eugène Minkowski (1885-1972) debruça-se sobre o estudo fenomenológico do tempo na psicopatologia²². De forma a permitir uma compreensão das ideias de Minkowski, poderá ser benéfico visitar alguns conceitos. Para este médico e filósofo, o tempo – “uma massa fluida, esse oceano em movimento, misterioso, grandioso e poderoso” – é designado por *devenir*²². O tempo apresenta-se “próximo de nós”, como um “fenómeno primitivo”, sendo sinónimo “da vida”. Na senda dos conceitos introduzidos por Bergson e por Husserl, Minkowski pugna pela ideia que “existir significa viver o tempo”²³ e, na sua obra *Le temps vécu*, sublinha primeiramente a diferença entre o tempo na perspectiva de uso corrente, como «medida, distância, intervalos», numa aplicação semelhante às medidas que utilizamos para o espaço, e o tempo vivido²². Enquanto o primeiro, o tempo mensurável ou numa designação bergsoniana, “o tempo assimilado ao espaço”, nos remete para o «calendário (...) como se tudo se reduzisse (...) a atribuir a cada evento um ponto fixo e a exprimir de seguida, em anos, meses e ho-

ras, a distância que os separa uns dos outros», o segundo refere-se ao “tempo qualidade ou tempo vivido”, um tempo vivido na introspecção, como aparece à consciência²². Deixando de parte o primeiro por constituir uma “base demasiado estreita”, Minkowski procede para o *tempo vivido*. Este tempo-qualidade é vivido na introspecção, tal e qual como aparece à consciência, não se reduzindo às dimensões espaciais mensuráveis²³. No estudo deste *tempo vivido*, Minkowski abordou as suas diversas dimensões, incluindo o *presente* e o *agora*, o *futuro*, o *passado*, a *actividade e espera*, o *desejo* e a *esperança*, e ainda a *prece* e a *acção ética*, cujo desenvolvimento excede o âmbito deste trabalho.

O *presente* não surge naturalmente, antes é uma produção do *devenir*, e inclui em si mesmo o *agora (momentâneo)*. Este é “pontual”, nele não observam “fenómenos de duração ou sucessão”, constituindo o “último momento do passado e o primeiro momento do futuro”. O passado e o futuro são unidos pelo *presente*, que se caracteriza pela “duração, sucessão e continuidade”, não sendo portanto nem num ponto nem tendo limites claramente definidos²³. Este autor propõe duas instâncias entre o tempo e espaço, que vão escalonar os fenómenos temporo-espaciais na vida: a *duração* e a *sucessão vividas* e a *continuidade vivida*²². O laço que liga precisamente estes dois níveis designou-o por *princípio da implantação*.

Para Minkowski, nas psicoses afectivas – incluindo-se aqui os estados de excitação maníaca – existem alterações nas “propriedades estruturais e formais da sintonia”²². A sintonia contém ela própria um factor de *duração vivida* e, no seu curso, exhibe um “elemento de

harmonia, de ritmo igual” entre o *devenir* do Eu e do ambiente – o designado *sincronismo vivido*. Por oposição ao doente esquizofrénico, o maníaco mantém *contacto* com a realidade. Contudo, assevera Minkowski, é um contacto “unicamente instantâneo”, faltando-lhe a *penetração* na realidade, não possuindo a *duração vivida* nele mesmo, ou seja, ao maníaco falta-lhe a *implantação no tempo*²². É no *agora (momentâneo)* que vive o maníaco e é precisamente aí onde começa e termina o seu contacto com o mundo. No maníaco “não há mais presente (...) não há qualquer implantação no tempo”, vivendo uma verdadeira “subducção no tempo”. De uma forma remniscente das observações de Ludwig Binswanger, Minkowski – exemplificando com uma descrição clínica de Kraepelin – refere que a perturbação do pensamento, a fuga de ideias, a distractibilidade, o jogo de palavras, enfim, as diversas manifestações da síndrome maníaca, “traduzem (...) a retracção particular que sofre (...) o contacto vital com a realidade”. Essa *retracção do contacto*, que se torna superficial, torna o doente num juguete do *agora*, que está sujeito a uma mutação constante²². O “livre jogo do presente” está prejudicado no maníaco.

LESTON HAVENS

O médico psiquiatra Leston Havens, que pugnou por uma visão mais integrativa no domínio das psicoterapias, abordou a temática do encontrar o outro nas dimensões do tempo e do espaço na sua obra *Making Contact*²⁴. Partindo do conceito de *tempo vivido* de Minkowski, este autor estabelece que a expe-

riência do tempo poderá ficar perturbada. Na ausência de psicopatologia “uma pessoa (...) experienciase a si próprio como crescendo em direcção ao futuro”. Esta orientação em relação ao futuro, o qual nunca se atinge e se constitui como um lugar de “antecipação, do inesperado, do planeamento e do mudar de planos”, também significa a existência de “um passado fluido ou não fixo, uma vez que o passado está continuamente a ser reavaliado à medida que nos movemos em direcção ao futuro”. Abordando directamente a psicopatologia, Havens debruça-se sobre a mania. Nesta, ao contrário da depressão (onde o futuro se perde e o passado se fixa num ponto), o passado “perde-se, à medida que ele [o sujeito] se projecta de forma maníaca em direcção a um futuro irreal. São feitas listas de forma a ocupar e controlar o futuro antes que ele aconteça. A antecipação torna-se uma doença quando o presente se funde com o futuro: não existe mais nada no presente que este *futurar* (...) o presente desapareceu dentro do futuro”.

LUDWIG BINSWANGER

Ludwig Binswanger, na sua obra *Melancholie und Manie* (1960), debruça-se sobre o estudo fenomenológico destas duas formas de existência, atentando também sobre a perturbação da temporalidade que nestas ocorrem²⁵. Embora admitindo que, ao contrário da melancolia, não existiria na mania um “fio condutor” tão claro para a investigação da presença frustrada do *Dasein*, Binswanger propõe-se a investigar quais os momentos frustrados na estrutura intencional da objectividade temporal da mania. Partindo da análise do caso de Elsa

Strauss como exemplo, Binswanger afirma que esta “vive na mania somente nas presenças isoladas” i.e., sem “possibilidade de ordenar estas presenças num *continuum* da biografia interna”. A retenção e a protensão estão ausentes - “vive de instante em instante” ou “não vive senão para o instante”. As alterações na estrutura intencional da objectividade temporal ocorrem por causa da ausência dos momentos retentivos e protentivos²⁵. A propósito da análise do caso do Dr. Ambühl, Binswanger aponta para a existência uma *falha na estrutura intencional da constituição temporal* do Ego. De facto, propõe que na base das alterações do pensamento na mania e, portanto, na base da fuga de ideias, encontramos uma alteração da experiência temporal. Este fundamento é igualmente válido para a falha da apresentação do outro. Se habitualmente se verifica um “predomínio das apresentações sobre as presenças actuais”, no maníaco as *apresentações biográficas* secundarizam-se totalmente perante as “apresentações actuais ou momentâneas”. Estas observações remontam para o conceito husserliano de “unidade imanente da temporalidade do viver”. No caso da mania, em cada consciência vivida – aqui isolada na sua passagem temporal – há uma perturbação dessa unidade imanente da temporalidade. O Dr. Ambühl, médico cirurgião respeitado, benfeitor e tido como íntegro, no contexto de um acesso maníaco torna-se “tirano”, proferindo “conferências” intermináveis aos seus empregados, transformando a organização doméstica num caos. Binswanger sublinha que a decisão de proferir uma conferência “não tem nenhuma génese temporal”, isto é, não é motivada “pela história de vida,

pela biografia” e não tem igualmente consequências biográficas. Voltando aos conceitos de Husserl, a conferência “não está fundada por uma série de retenções” e não é senão vagamente determinada “por um horizonte de protensões”. A conferência deve a sua emergência apenas à simples aparição de uma ideia meramente presente, situada de fora de todo o contexto biográfico, não sendo apoiada em nenhuma experiência temporal. Todas as apresentações são deitadas fora e há uma ruptura do “fio condutor” em “inúmeros fragmentos separados ou isolados”²⁵. Binswanger fala mesmo na “desaparição da articulação temporal intencional”, com perda dos fios condutores da estrutura da objectividade temporal, isto é, da retenção e da protensão. Esta “alteração na estrutura da objectividade temporal”, segundo Binswanger, manifesta-se de duas maneiras. Por um lado há um “defeito na continuidade do sentido e do curso do pensamento” e por outro há um “defeito na continuidade da apresentação”, ou seja, há um defeito nas apresentações “ancoradas biograficamente” (*habituais*, no sentido de Husserl)²⁵. A falha da constituição temporal na mania traduz-se num afrouxamento da estrutura temporal do “mundo próprio ou primordial do Ego”, ocorrendo um desaparecimento dos momentos transcendentais retentivos e protentivos, reduzindo-se as apresentações habituais, substituídas por uma pura actualidade. Por outras palavras, o maníaco vive somente “para o instante”²⁵. Assim, na forma de existência maníaca o “tempo se encurta” e o “ritmo do vivido é rápido”. Binswanger fala mesmo de uma “forma de existência saltitante ou escorregadia” ou, como se refere noutro

local da mesma obra, o *Dasein* do tipo da fuga de ideias pode ser caracterizado como um *Dasein* “saltitante” ou “balouçante”²⁵.

Na primeira conferência de Lexington dedicada à fenomenologia, organizada por Erwin Straus e cujos trabalhos foram publicados em 1964, Ludwig Binswanger proferiu uma comunicação onde abordou o modo maníaco de ser-no-mundo²⁶. Na descrição desse modo particular, Binswanger dedicou algum tempo sobre a forma como a relação com o tempo está perturbada. “Em contraste com uma pessoa realmente ocupada que *tem* sempre tempo, o maníaco desperdiça o seu tempo, não se ocupando verdadeiramente”. Para este autor, uma vez que para o maníaco tudo está à sua disposição para agarrar e usar, “tudo é imediatamente apropriado e utilizado” sem “distância, atrasos ou espera”, então “ele vive quase inteiramente no presente e, de certa forma, ainda no passado, mas já não no futuro”. Uma vez que todas as coisas e todas as pessoas estão ao seu alcance e imediatamente disponíveis, não há futuro, não há distância, “tudo é jogado no presente, no mero aqui e agora”. Esta noção de imediatismo na satisfação e utilização tem paralelo com os pressupostos da dessincronização como descrita por Thomas Fuchs, adiante elaborada. Este modo de ser maníaco, presentificado, impede a “comunicação existencial, qualquer entendimento entre ser humano e ser humano é impossível”, no sentido em que um acordo “implica uma nota promissória desenhada no futuro”, função essa que aqui está prejudicada. Para Binswanger o maníaco, de forma semelhante ao deprimido, “vive puramente de acordo com o seu humor e, a este respeito, *ahistoricamente*”.

MEDARD BOSS: PERTURBAÇÃO NA CONCRETIZAÇÃO DA DISPOSIÇÃO AFECTIVA

Tendo presente que para este autor – do ponto de vista existencial – as perturbações do humor decorrem necessariamente de um *fundamental* – a *disposição* ou *sintonização afectiva* – que modula as possibilidades de abertura ou restrição para os sentimentos, emoções, afectos e humor em cada existência concreta, é nesta perspectiva que Boss explicou a forma concreta como essa perturbação pode ter lugar na mania⁷. “A percepção destes doentes está tão severamente restringida que em cada coisa que encontram não vêem senão um único significado: tudo se relaciona com eles apenas como uma coisa a ser dominada e engolida”⁷. A perturbação da temporalidade está relacionada com a procura incessante de novos objectos. A pessoa maníaca “perde-se a si própria e aos seres do seu mundo numa espiral estonteante de agarrar qualquer coisa que venha na sua direcção”. Concretizando a vivência temporal, Boss refere-se a um “remoinho que varre todo o seu passado e futuro para o instante presente”, de forma a que a existência do momento se torna desproporcionadamente importante.

THOMAS FUCHS: DESSINCRONIZAÇÃO, TEMPO IMPLÍCITO E EXPLÍCITO

Thomas Fuchs desenvolveu a temática do tempo na psicopatologia tendo como base os conceitos de temporalidade implícita e explícita e da sua dessincronização²⁷⁻²⁹. Na base da experiência temporal (e da própria consciên-

cia) estará a delimitação do indivíduo do seu meio ambiente. Ao contrário das plantas, que vivem em troca imediata e constante com o seu ambiente – sem discrepâncias temporais – os animais experienciam lapsos entre as necessidades e a sua satisfação. Este “estar à procura de algo” constitui o diferencial temporal primordial. É a partir deste conceito fisiológico que Fuchs parte para a análise da temporalidade. O *tempo implícito* ou *tempo vivido* refere-se “ao movimento da vida ela própria”, é o modo de temporalidade pré-reflexiva que preenche toda a nossa experiência sempre que estamos envolvidos numa actividade, que não se projecta nem no passado nem no futuro. Nas palavras deste autor, nesta modalidade “o sentido do tempo é perdido” numa sequência fluida de actividades, como uma criança que, “brincando com os seus brinquedos”, não experiencia a passagem do tempo. Já o *tempo explícito* ou *tempo experienciado* é a modalidade que se impõe sobre o modo implícito sempre que a relação com um dado objecto é perturbada por algo externo. Nesses momentos o “*continuum* intemporal” que é o tempo implícito é interrompido. Esta *perturbação* ou *negação* origina experiências de “ainda não” e de “já não”. Estas experiências explícitas do tempo são acompanhadas de alguns estados emocionais específicos. As experiências de “ainda não”, referentes ao futuro, geradoras de uma tensão apetitiva, vividas como uma “perseguição de algo”, são acompanhadas de desejo, impaciência, esperança ou ansia, enquanto que as de “já não”, referentes ao passado lembrado, são acompanhadas de remorso, luto ou arrependimento. O tempo explícito divide-se nas três dimensões: presente,

passado e futuro. Assim, Fuchs sublinha que a experiência desta modalidade explícita do tempo contém frequentemente um elemento de “desconforto ou sofrimento”. A relação destas formas de temporalidade está associada à experiência do corpo vivido e do corpo objectivo. Embora escapando um pouco ao âmbito deste artigo, será interessante realçar que, para este autor, a temporalidade implícita é praticamente sinónima da vivência subjectiva do corpo, isto é, do corpo como “meio tácito” para as actividades. Esta relação explica que, quando adoecemos, “experienciamos o nosso corpo como um objecto ou obstáculo” muitas vezes associado a uma desaceleração do tempo, enquanto que “quanto mais estamos envolvidos nas nossas tarefas mais nos esquecemos do tempo e também do corpo”²⁹. Thomas Mann, em *A Montanha Mágica*, expõe admiravelmente esta relação, no momento em que Hans Castorp, sentindo-se adoecer, confunde o ritmo das suas palpitações com o de um mero bater mecânico proveniente do seu espaço exterior³⁰. Finalmente, para poder compreender a psicopatologia na sua temporalidade, Fuchs refere-se ao conceito de *temporalidade intersubjectiva*. Para este autor, encontramos nos organismos biológicos uma adaptação contínua entre temporizadores ou ritmos endógenos e exógenos. Esta sincronização com os ritmos externos afecta igualmente a relação com o seu “ambiente social”, entre o seu próprio tempo e o tempo do mundo. Todo o processo de desenvolvimento e a própria sociedade estão repletos de temporizadores e de “processos de sincronização” mais ou menos explícitos (e.g. rotinas diárias, horários, pontualidade, transições biográficas), existindo igualmente

processos de sincronização temporal do qual não estamos geralmente conscientes que Fuchs designa de contemporaneidade básica. Esta coordenação temporal, contudo, não está sempre afinada e passa por diversas fases de dessincronização, que podem ser vividas como um estando “demasiado tarde” ou “demasiado cedo” ou, por outras palavras, uma lentificação ou aceleração do tempo pessoal relativo aos processos sociais. As experiências de dessincronização do tempo intersubjectivo podem ser vividas de forma desagradável.

Abordando agora a experiência do tempo na mania, Fuchs refere que existe uma “aceleração do tempo pessoal” em relação ao ambiente e que esta poderá ser vivida como “impaciência, pressão ou agitação disfórica”, que pode decorrer na necessidade de *espera*. Alternativamente, pode originar *enfado*, realçando a discrepância entre as possibilidades de acção e os estímulos externos. No caso de excitação maníaca esta discrepância origina inquietação e agitação. Só na mania eufórica, avança Fuchs, é que esta assincronia entre o tempo pessoal e social não é vivida de forma desconfortável^{28,29}.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A clarificação das perturbações da temporalidade poderá contribuir para uma melhor compreensão das alterações do comportamento ou da mundivisão da forma de existência maníaca (Quadro I). O doente maníaco vive num perpétuo agora, num mundo onde tudo está imediatamente acessível (sem espera ou pedido), num presente que perdeu as suas ligações ao futuro e ao passado, experienciando

o tempo como correndo mais rápido. Comparando com a experiência de alguém que está adequadamente exaltado com a sucessão de determinados acontecimentos, onde poderá igualmente existir uma experiência de aceleração temporária da passagem do tempo explícito, é habitual verificar-se, recorrendo

à experiência e senso comum, uma dilatação temporal na reprodução mnésica do vivido. Para além disso, não se verifica qualquer ruptura na *implantação no tempo* ou na inserção do vivido na *historicidade* do indivíduo, marcas da mania na perturbação do tempo vivido.

Quadro I: Sinopse das Perturbação da Temporalidade na Mania.

Perturbações no tempo do mundo (explícito)		
Experiência de que o tempo do mundo passa rápido, muito rápido ou está acelerado; sobrestimação da passagem do tempo (seja em provas de estimação ou re/produção)		
Perturbações no tempo vivido (implícito)		
Eugène Minkowski	Alteração das propriedades estruturais e formais da sintonia; mantém um contacto unicamente instantâneo com a realidade (retracção do contacto, que se torna superficial), faltando-lhe a implantação no tempo (não possui duração vivida); torna-se num joguete do agora (momentâneo)	
Leston Havens	Futuro e o presente fundem-se; nada mais existe no presente do que um <i>futurar</i> permanente	
Ludwig Binswanger	Falha da constituição temporal com desaparecimento dos momentos transcendentais retentivos e protentivos	O ritmo do vivido é rápido; vive no presente e imediatismo; tudo está no aqui e agora para a satisfação, não existindo distância nem futuro, vive para o instante, ahistoricamente
Medard Boss	Perturbação da disposição afectiva fundamental	O passado e futuro concentram-se no instante presente. A existência do momento toma uma importância desproporcionada
Thomas Fuchs	Falência dos processos de sincronização temporal, levando a uma des-sincronização (até à assincronia)	Aceleração do tempo pessoal em relação com o social (vivido como impaciência, pressão, agitação, enfado...)

A investigação da temporalidade nas perturbações afectivas poderá contribuir para o estudo das variáveis circadianas, um campo com possíveis implicações na fisiopatologia e tratamento destas perturbações³¹. Mais ainda, a *compreensão* (na medida em que estabelece relações de significado) do que ocorreu *naquele* doente maníaco em concreto poderá resultar em benefício da relação médico-doente ou terapeuta-cliente e, por essa via, facilitar todas as intervenções que nela se suportam, nomeadamente a da psico-educação. Uma limitação fundamental nas investigações fenomenológicas sobre o tempo vivido realizadas até agora (seja na melancolia ou na mania) é a inconstância nas próprias categorias e definições dos episódios psicopatológicos. No campo das perturbações afectivas, particularmente na perturbação bipolar, tem-se assistido nas últimas décadas a uma autêntica revolução na maneira como são conceptualizados os episódios afectivos e como são valorados os sinais e sintomas pesquisados. Concretamente, a noção de espectro bipolar, incluindo muitas formas de episódios previamente classificados como unipolares, tem evidenciado um peso cada vez maior para os chamados episódios mistos³². Poder-se-ia pensar que as investigações fenomenológicas – incluindo aquelas sobre o tempo vivido – teriam que ser revistas ou talvez mesmo abandonadas, como se tivessem perdido utilidade. Contudo, é importante recordar que o método fenomenológico aplicado nessas investigações, ainda que limitado às categorizações pressupostas (i.e. o que previamente era considerado um episódio maníaco), não perde a sua eficácia no estudo do fenómeno concreto e portanto o seu resultado permaneceria útil na compreensão do episódio maníaco. Ghaemi,

na mesma linha, reconhecendo que os estados mistos afectivos serão mais frequentes que as formas puras de depressão ou mania, mantém que existem características que as diferem, incluindo a experiência do tempo⁵. Será importante, contudo, que venham a ser efectuadas investigações fenomenológicas sobre o tempo vivido nas categorias renovadas de episódios mistos. As mesmas considerações se aplicam ao estudo da experiência do tempo do mundo.

Conflitos de Interesse / *Conflicting Interests:*

Os autores declaram não ter nenhum conflito de interesses relativamente ao presente artigo.

The authors have declared no competing interests exist.

Fontes de Financiamento / *Funding:*

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

The author have declared no external funding was received for this study.

BIBLIOGRAFIA / *REFERENCES*

1. Shakespeare W: The Complete Works of Shakespeare. Glasgow and London: W.R.M'Phun & Sun; 1858.
2. Wittmann M: The inner experience of time. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*. 2009 Jul 12;364(1525):1955–67.
3. Wyllie M: Lived Time and Psychopathology. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*. 2005;12(3):173–85.
4. Marques-Teixeira J: A vivência do tempo no deprimido: um olhar sobre Eugène Minkowski. *Saúde Mental*. 2003 Feb;5(1):9–11.
5. Ghaemi SN: Feeling and time: the phenomenology of mood disorders, depressive realism,

- and existential psychotherapy. *Schizophr Bull.* 2007 Jan;33(1):122–30.
6. Heidegger M: Seminários de Zollikon. Petrópolis: EDUC e Editora Vozes; 2001.
 7. Boss M: Existential Foundations of Medicine and Psychology. Jason Aronson Inc; 1994.
 8. Jaspers K: General Psychopathology: Volume 1. 1997th ed. The Johns Hopkins University Press; 1997.
 9. Sokolowski R: Introduction to Phenomenology. Cambridge University Press; 2000.
 10. Boss M: Psychoanalysis & Daseinsanalysis. Basic Books Inc., Publishers; 1963.
 11. Casey P, Kelly B, editors. *Fish Psicopatologia Clínica*. Terceira. Libri-Faber, Serviços Editoriais; 2008. 22 p.
 12. Sims A: *Symptoms in the Mind: An Introduction to Descriptive Psychopathology*. 3rd ed. Saunders Ltd.; 2002.
 13. Scharfetter C: *Introdução à Psicopatologia Geral*. Climepsi Editores; 1997.
 14. Teixeira C: *Introdução à Psicopatologia Geral*. Segunda Edição. ISPA; 2010.
 15. Bschor T, Ising M, Bauer M, Lewitzka U, Skerstupeit M, Müller-Oerlinghausen B, et al.: Time experience and time judgment in major depression, mania and healthy subjects. A controlled study of 93 subjects. *Acta Psychiatr Scand.* 2004 Mar;109(3):222–9.
 16. Mezey AG, Knight EJ: Time Sense in Hypomanic Illness. *Arch Gen Psychiatry.* 1965 Feb 1;12(2):184–6.
 17. Tysk L: Time perception and affective disorders. *Percept Mot Skills.* 1984 Apr;58(2):455–64.
 18. Mahlberg R, Kienast T, Bschor T, Adli M: Evaluation of time memory in acutely depressed patients, manic patients, and healthy controls using a time reproduction task. *Eur Psychiatry.* 2008 Sep;23(6):430–3.
 19. Gibbon J, Church RM: Representation of time. *Cognition.* 1990 Nov;37(1-2):23–54.
 20. Zhao QY, Ji YF, Wang K, Zhang L, Liu P, Jiang YB: Time perception in depressed and manic patients. *Zhonghua Yi Xue Za Zhi.* 2010 Feb 2;90(5):332–6.
 21. Bergson H. *Time and Free Will: An essay on the Immediate Data of Consciousness*. 6th ed. Edinburgh: Riverside Press; 1950.
 22. Minkowski E. *Le temps vécu : Études phénoménologiques et psychopathologiques*. 2nd ed. Presses Universitaires de France - PUF; 2005.
 23. Costa V, Medeiros M: O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski. *Psicol. est.* 2009 Jun;14(2):375–83.
 24. Havens L. *Making Contact: Uses of Language in Psychotherapy*. Harvard University Press; 1986.
 25. Binswanger L. *Mélancolie et manie*. Presses Universitaires de France - PUF; 1987.
 26. Straus EW: *Phenomenology: Pure and Applied*. Duquesne University Press; 1964.
 27. Fuchs T: Melancholia as a Desynchronization: Towards a Psychopathology of Interpersonal Time. *Psychopathology.* 2001;34(4):179–86.
 28. Fuchs T: Implicit and Explicit Temporality. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology.* 2005;12(3):195–8.
 29. Fuchs T: Temporality and psychopathology. *Phenom Cogn Sci.* 2010 Dec;:1–30.
 30. Mann T: *A Montanha Mágica*. 1st ed. Dom Quixote; 2009.
 31. Scott J: Clinical parameters of circadian rhythms in affective disorders. *Eur Neuropsychopharmacol.* 2011 Sep;21 Suppl 4:S671–5.
 32. McElroy SL: Understanding the complexity of bipolar mixed episodes. *J Clin Psychiatry.* 2008 Feb;69(2):e06.